

***História Potencial* encontra *Dysphoria mundi*:
aprender para desaprender um outro olhar**

Rafaela Travassos Sarinho (UERJ, Brasil)

rafatravassosarinho@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4703-6505>

***História Potencial* encontra *Dysphoria mundi*: aprender para desaprender um outro olhar**

Resumo: Este artigo parte de uma leitura concomitante das obras *História Potencial*, de Ariella Aïsha Azoulay, e *Dysphoria mundi*, de Paul B. Preciado, para ensaiar maneiras de pensar os sujeitos, os saberes e os espaços que os desvinculem de enquadramentos em categoria binárias e intransponíveis. Tendo como ponto de partida aspectos biográficos desses autores, observam-se movimentos entre o *Aprender* e o *Desaprender*, com o intuito não apenas de destacar aspectos do modo convencional de ler e observar o mundo, mas de questioná-lo, promovendo rupturas e recusando qualquer forma de “determinação”. Conclui-se que há diversas maneiras de disputar o campo visível e discursivo, reivindicando novas possibilidades. Tal disputa requer um gesto de ativo, que parte de um implicar-se nos regimes de visualidade para imaginar novas fronteiras, expressões e legendas, a fim de produzir “aberrações” visuais, linguísticas e discursivas.

Palavras-chave: Visualidade; Epistemologia; Aprender; Desaprender.

***Potential History meets Dysphoria mundi*: learning to unlearn another perspective**

Abstract: *This article is based on a concomitant reading of the works *História Potencial*, by Ariella Aïsha Azoulay, and *Dysphoria mundi*, by Paul B. Preciado, to try out ways of thinking about subjects, knowledge and spaces that disassociate them from binary and insurmountable categories. Taking as a starting point the biographical aspects of these authors, we observe movements between Learning and Unlearning, with the aim not only of highlighting aspects of the conventional way of reading and observing the world, but of questioning it, promoting ruptures, refusing any “determination”. We conclude that there are several ways of disputing the visible and discursive field, claiming new possibilities. Such a dispute requires an active gesture, which starts from getting involved in the regimes of visuality to imagine new frontiers, expressions and captions, to produce visual, linguistic and discursive “aberrations”.*

Keywords: *Visuality; Epistemology; Learning; Unlearning.*

“A tarefa e o desafio da *História Potencial* é recusar os axiomas de progresso e resistir à forma como o progresso converte os modos de vida, a prática e a experiência em um passado descartável”

(Ariella Aisha Azoulay, 2024, p. 167)

“O tempo está trocando de pele. E, com o tempo, todos os significantes sociais e políticos que segmentavam a ordem da modernidade [...] O tempo desordenou-se, ficou disfórico”

(Paul B. Preciado, 2023, p. 96)

1. Introdução

Este artigo nasce de uma leitura simultânea de dois autores contemporâneos que provocam uma torção na linguagem, desenhando significantes para um *mundo potencial*. Na geografia que esse trabalho inaugura, Ariella Aïsha Azoulay encontra Paul B. Preciado para promover refazimentos a partir do eco dos desajustes, da dissonância que permite desenhar uma outra maneira de ver e de habitar o mundo.

Ariella Aïsha Azoulay (2024), em *História Potencial*, pensa a si mesma como um corpo sem espaço. Retomando os deslocamentos forçados de seus antepassados até a divisão da Palestina entre árabes e judeus no ano de 1947, a autora observa como o projeto em torno da criação do novo Estado de Israel fez com que sua mãe e seus familiares, do dia para noite, se transformem de judeus-palestinos em israelenses. Um projeto de Estado fundado em uma nova temporalidade, que os obrigou a deixar para trás pertences como suas “velhas” línguas, objetos e obras de arte. Ao advogar pelo *desaprender*, a autora se aproxima das vivências forçosamente apagadas de seus antecedentes, colocando em circulação linguagens situadas fora das normas e dos procedimentos do campo “fenomenal fabricado”¹ pelo projeto político israelense² – que transformou, entre outras coisas, o termo composto *judeus-palestinos* em uma aberração.

Paul B. Preciado (2023), em *Dysphoria mundi*, expõe – também a partir de um resgate biográfico – o equívoco de seu corpo. Ressaltando o diagnóstico

1 Mais adiante exploraremos este conceito.

2 Azoulay (2024) aproxima, ao longo do livro, o projeto “israelense” ao projeto “imperial”. Desse modo, os termos “israelense” e “imperial” são utilizados neste artigo como sinônimos.

de *disforia*³ presente em seu prontuário médico, o autor reflete sobre sua condição patologizada e sobre os meios de “dar a volta” nos sistemas de conhecimento que operam desenhando hierarquias e diferenças entre sujeitos “normais” e “disfóricos” – estes últimos considerados uma aberração. Essa volta, segundo o autor, permite desenhar uma torção no conceito de “disforia”, entendendo-o não mais como uma categoria médica, mas como um significante de uma forma de vida que subverte a ordem político-visual do projeto moderno.

Sem a pretensão de reduzir as propostas filosóficas desses autores a um denominador comum, nosso objetivo é o de ensaiar um diálogo entre as suas proposições, exibindo outros modos de pensar os sujeitos, suas identidades e espaços, desvinculando-os dos “marcos a partir dos quais a história moderna ainda é concebida e narrada” (Azoulay, 2024, p. 30). Para isso, o tópico abaixo toma emprestados títulos de capítulos presentes, respectivamente, nos trabalhos de Azoulay (2024) e Preciado (2023), para delinear formas de aprender-desaprender os modos vigentes de relação consigo e com o mundo. Desse modo, “O campo fenomenal fabricado” e a “Estética Petrossexoracial” se encontram para questionar diferentes categorias de exclusão – como “despossuídos”, “escravos”, “doentes” e “aberrantes” –, e especular sobre formas de romper com o ciclo de significância ao qual estamos enredados, deixando entoar outras vozes e expressões, permitindo a apreensão de novos sentidos. Nessa esteira, os escritos de Donna Haraway e Marcos Beccari serão integrados ao debate, na medida em que nos ajudam a pensar sobre os *regimes de visualidade*⁴ que conformam os nossos modos de ver e apreender as coisas, indicando as coordenadas, as condições e a finalidade que compõem tanto aquilo que se torna visível quanto o que permanece invisível em nossas formas de saber.

Observaremos, por fim, cortes no visível operados por Ariella Aïsha Azoulay e Paul B. Preciado. Traremos à cena algumas imagens elaboradas e/ou analisadas pelos autores, que servirão para ilustrar as diversas maneiras de recusar a “determinação” das coisas e os diferentes meios de borrar as lentes que naturalizam os modos pelos quais vemos, classificamos e exploramos o mundo. Trata-se de exemplos que nos ajudam a traçar outras

3 No dicionário Michaelis, *Disforia* é caracterizada como uma “Inadequação da pessoa com relação ao seu sexo, podendo acarretar depressão profunda e outros transtornos de ordem psicossocial; inclui o transexualismo, o travestismo e situações de hermafroditismo e de intersexo”. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=o&f=o&t=o&palavra=disforia> > Acesso em janeiro de 2025.

4 Exploraremos essa questão adiante.

rotas, torcendo o curso comum das palavras, das ordens e das classificações, deixando emergir brechas *com, entre e a partir* da *Dysphoria Mundi* e da *História Potencial*.

Do encontro promovido nas páginas deste artigo, procuramos, com as palavras desses autores, desligar o som do mundo para ouvir as vozes e os cantos silenciados que reivindicam *um outro olhar*.

2. Ver entre “O Campo fenomenal fabricado” e a “Estética Petrossexoracial”

Aprender para *desaprender*. É esse o percurso pensado tanto por Azoulay (2024) quanto por Preciado (2023). O trajeto de um para o outro requer um movimento que implica compreender sistemas vigentes de ordens, classificações e taxonomias, com o objetivo de borrar seus principais marcos e, assim, conceber novos termos, mapas, tratados e linhas divisórias. Nesse sentido, o *Aprender*, para esses autores, significa realizar um mergulho na linguagem em que somos forjados, destacando seus significados, suas suposições e ordenações. E o *Desaprender* implica, em contraposição, questionar nosso corrente modo de ler e observar o mundo para operar cortes, promovendo rupturas na linguagem a fim de produzir “aberrações”. Deixar vir monstruosidades linguísticas, políticas, imagéticas, psiquiátricas, para deslocar e ressignificar um sistema de conhecimento⁵ que atua enquadrando, entre outras coisas, os sujeitos em categoria binárias e intrasponíveis como as de cidadãos/refugiados, masculino/feminino, hetero/homo, normal/patológico, entre outras. Nos termos de Preciado (2003), trata-se de um exercício que nos convoca a olhar para a nossa condição – em seu caso, observar o seu corpo disfórico –, para ficcionalizar um novo lugar, constituindo um espaço em que uma tal condição não mais opera no negativo, mas fricciona, produzindo “outros espaços” desvinculados do solo normativo sob o qual se constitui.

Para Ariella Aïsha Azoulay (2024), o *desaprender* como uma força produtiva aparece por meio de um processo de “desligamento do mundo”, na possibilidade de um afastamento da utilização inquestionada de significantes políticos como os de cidadão, arquivo, soberania e direitos humanos, categorias supostamente neutras que alimentam o impulso intrínseco ao “progresso” e que condicionam a forma com que os sujeitos e a história são conduzidos, pensados, arquivados e representados. Um esforço que implica

5 O termo “sistema de conhecimento” segue o percurso de Michel Foucault em *Palavras e as Coisas* (2007). No livro, o autor relaciona as categorias de ordenamento do mundo aos diferentes sistemas de conhecimento ou *epistemes* que vigoram desde o século XVI.

uma recusa ativa de interpretar, observar, narrar e contar histórias de um ponto de vista imperial, para deixar vir outras perspectivas.

Assim, implicar-se no desaprender significa, com esses autores, abandonar um “campo fenomenal fabricado”, dotado de sentidos e de uma estética⁶ singular, que nos faz ver, entender e interpretar como interpretamos. O campo fenomenal fabricado, para Azoulay (2024), diz respeito a nossa “realidade”, provida de uma totalidade de experiências construídas que fabricam referências sobre o mundo, sobre nós, sobre os nossos objetos e antepassados. Trata-se de um campo que “regulariza a produção de sentidos ao mesmo tempo em que molda o campo fenomenológico a partir do qual os sentidos são gerados” (Ibidem, p. 111). Como ressalta a autora, trata-se de um jogo muito bem ilustrado na trajetória da protagonista de *Kindred: laços de sangue* (2017), da escritora estadunidense Octavia Butler. Na história, Dana, uma mulher negra, é transportada, em 1976, de sua casa em Los Angeles para uma fazenda em Maryland, em meados dos anos 1861, período que antecede a Guerra de Secessão. Um recorte temporal em que ser negro significava ser escravizado: trabalhar para servir, plantar e apanhar em prol de uma engrenagem – de um campo fenomenal fabricado – que os fazia parecer “naturalmente” destinados àquela situação. Ao cair no meio dessa disposição, Dana se depara com os papéis previamente atribuídos aos sujeitos daquele espaço temporal, nos quais se pressupunha que um corpo negro não poderia existir livremente. Como narra a personagem, tratava-se de um corpo aprisionado que precisava, antes de tudo, tomar cuidado: “Conforme os dias se passavam, eu criei o hábito de tomar cuidado. Fiz o papel de escrava, prestava atenção a meus modos [...], pois não tinha certeza do que podia fazer sem ser punida. Pelo que percebi, não podia muito” (Butler, 2017, p. 148). Assim, para Azoulay (2024), o campo fenomenal fabricado é aquilo que dá a garantia de como os papéis devem ser plenamente executados, como se todos estivessem em uma peça teatral “em que, embora o inesperado possa ocorrer, os papéis já foram atribuídos, os limites entre o dentro e o fora são predeterminados” (Ibidem, p. 112).

Indo ao encontro do horizonte de pensamento de Azoulay, Preciado (2023) procura entender o campo fenomenológico ocidental remetendo a uma infraestrutura epistêmica baseada em dois eixos: a hierarquização dos sujeitos e a destruição de territórios, memórias e ecossistemas, atividades exercidas por uma minoria de grupos de humanos. Trata-se de uma engrenagem por ele denominada de “Estética Petrossexoracial”, cujos protagonistas

6 A utilização do termo Estética obedece aos estudos de Jacques Rancière e diz respeito a um modo específico de habitar o mundo sensível, uma regulação social e política dos sentidos.

seriam a virilidade e o carvão. Um campo que responde a uma economia libidinal heterossexual, binária e racialmente hierárquica, e que constitui “o modo de organização social e o conjunto de tecnologias de governo e de representação que surgiram a partir do século XVI com a expansão do capitalismo colonial e das epistemologias raciais e sexuais” (Ibidem, p. 42). Um sistema que ao privilegiar a classificação dos seres vivos de acordo com as taxonomias modernas de espécie, raça, sexo e sexualidade, serviu para legitimar não só a dominação de certos corpos sobre outros, mas a destruição de ecossistemas biológicos e linguísticos, pela combustão de energias fósseis e diversas ações de apagamento de línguas, tradições e culturas. Abaixo reproduzimos um trecho, em que o autor elenca alguns dos principais significantes que compõem a “Estética Petrossexoracial”:

[...] ela se manifesta ao mesmo tempo como poder e prazer, como força (*Gerwalt*) e desejo (*Wunt*) sobre o corpo do outro. Extração, combustão, penetração, apropriação, possessão: destruição. O patriarcado e a colonialidade não são épocas históricas que deixamos para trás, mas epistemologias, infraestruturas cognitivas, regimes de representação, técnicas do corpo, tecnologias de poder, discursos e aparatos de violência, narrativas e imagens que seguem operando no presente (Preciado, 2023, p. 42).

Assim, uma questão fundamental para esses autores, ao interpretar dessa maneira as bases que constituem a estrutura epistêmica do nosso tempo, parece ser o modo como o *Aprender* se vincula a uma forma singular de estruturar e de atuar no mundo, funcionando como uma lente que “naturaliza” os modos pelas quais o vemos, o classificamos, o exploramos e o habitamos. Nos termos de Beccari (2020a), o que está em jogo nesse nosso modo de apreender o mundo é, sobretudo, uma questão de *visualidade*⁷, uma naturalização e normalização dos *modos de ver* “as coisas ao redor”⁸. Esse ver, para o autor, não remete meramente ao aparato da visão como um sentido que permite aos seres vivos enxergar o mundo à sua volta, mas se estende a toda a experiência percebida, “aos modos de existir, às formas de tornar visível e invisível, ao confronto de forças visuais, discursivas e de poder” (Beccari, 2020b, p. 46). Em Beccari, o visível detém um estatuto que extrapola a experiência sensível de ver/observar/olhar algo, ganha a conotação

7 Termo pensado por Jonathan Crary (2012) em *Técnicas do Observador: Visão e modernidade no século XIX*, e que está ligado a experiência perceptiva dos sujeitos em diferentes recortes históricos.

8 Jogo de palavras com o livro *Das coisas ao redor: discurso e visualidade a partir de Foucault*. Ver: Beccari, 2020b.

de uma realidade conformada, funcionando como uma economia normativa que revela não só o que há para ser visto, mas o modo como podemos ver as coisas e também de quem pode ver ou ser visto.

Cumpramos esclarecer que, sob esse viés, a visualidade não se reduz ao domínio da visão e dos (arte) fatos visuais, mas diz respeito, antes, às *maneiras* de ver e, portanto, aos jogos discursivos e de poder que historicamente condicionam, nos termos de Hal Foster, “como vemos, como somos capazes, permitidos ou levados a ver, e como vemos esses modos de ver e o que não vemos nele” (Beccari, 2020b, p. 46-47).

Nessa esteira, retomamos o percurso da personagem Dana, do romance de Butler, e levantamos o questionamento sobre o que a faz interpretar a si mesma de um modo diferente nos dois recortes espaço-temporais (Los Angeles, 1976 e Maryland, 1861)? Seguindo esse percurso, a resposta estaria, em parte, na normalização de *regimes de visualidade*, que lhe permite ver sempre a partir de coordenadas, sob certas condições e finalidades, e nunca de um ponto de vista neutro – aqui, a neutralidade é uma falácia. Como nota Haraway (2009), a visão está sempre atrelada a um modelo, obedecendo a paradigmas que ditam o modo pelas quais as coisas devem ser vistas, categorizadas e nomeadas. Seguindo a autora, trata-se, então, de considerar “[...] todos os olhos, incluídos os nossos olhos orgânicos, como sistemas de percepção ativos, construindo traduções e modos específicos de ver, isto é, modos de vida” (Ibidem, p. 22). Assim, é notório atentar como Dana observa, ao longo de todo o romance, a si mesma e as complexas dinâmicas que a circundam nos dois recortes espaço-temporais: a depender de seus trajes, objetos, atividades e instrumentos de trabalho, entende-se como uma mulher negra “cidadã” ou escrava, cada uma com suas vivências e verdades “autoevidentes”. Isso fica claro em uma outra passagem da personagem, desta vez quando caminha pelas ruas de Los Angeles e se lembra do valor ínfimo do corpo de seu duplo que habita o espaço temporal da escravidão estadunidense. Ao recordar sua condição de escrava, Dana é tomada pelo medo:

Já tinha visto pessoas sendo surradas na televisão e nos filmes. Já tinha visto sangue falso nas costas delas e ouvido gritos bem ensaiados. Mas nunca havia ficado perto e sentido o cheiro do suor, nem ouvido as súplicas e as orações de pessoas humilhadas diante de suas famílias e de si mesmas. [...] Meu rosto estava banhado em lágrimas. E minha mente ia de um pensamento a outro, tentando me desligar das chibatadas (Butler, 2017, p. 59).

Desse modo, com Dana, pensamos como o Aprender é mediado por pontos de vista que aparecem para nós como dados apaziguados e objetivos, advindos de uma “lei natural”, produzindo um modo “normalizado” de ser das coisas, do sujeito, das palavras. *Aprendemos*, com o seu caso, que somos, na verdade, parte de uma engrenagem – uma ficção normativa – que nos leva a observar a nós mesmos e ao mundo a partir de hierarquias, ordens e disposições. Desse exemplo, concluímos com Haraway (2009, p 25): “A auto-identidade é um mau sistema visual”.⁹ Um mau sistema na medida em que resulta de uma topografia semiótica com capacidade de produzir efeitos de “colagem” de uma série de significantes aos corpos dos sujeitos, tomando-os como “naturalmente” destinados à condição de cidadão/escravo, homem/mulher, normal/doente etc.

Ao tomarem estas questões a partir da observação de suas trajetórias, Azoulay (2024) e Preciado (2023) reivindicam *um outro olhar*, que funcione como um ponto de fuga em relação às ficções normativas em que estamos enredados. Isso significa, como vimos, reconhecer que o *Aprender* se baseia em um conjunto de percepções construídas, e que o *Desaprender* pode funcionar como um instrumento produtivo, capaz de colocar em questão as lentes que conformam o mundo, operando como *contraficções* desconcertantes de um porvir. O desaprender seria, então, uma linha de fuga constituinte de novos modos de saber que derivam da quebra com as estruturas fixas do conhecer.

Para Preciado (2023), trata-se de se enlaçar ao desaprender para elaborar contranarrativas a fim de modificar perspectivas, mudando o curso das perguntas e das respostas. Isso se daria, em seus termos, por meio de uma torção na linguagem, imaginando outras significações para aquilo que parecemos “naturalmente” destinados. “Imaginar já é agir: reivindicar a imaginação como força de transformação política já é começar a mudar” (Ibidem, p. 58). Em seu caso, implicar-se na disforia, não simplesmente para refutá-la como categoria, mas para se apropriar dela, imaginando um lugar de potência no mundo. Assim, ser disfórico significaria não apenas um enquadramento médico, mas uma forma produtiva de subjetivação. Trata-se, em suma, de um caminho que começa por se validar como uma entidade instável e aberrante – em suas palavras, ser diabo, ser monstro –, a fim de abrir brechas epistemológicas por meio de atos de crítica e de (re)conformação do mundo. “Na disforia, enquanto resistência à normalização e dor

9 No original: “bad visual system” (Haraway, 1988, p. 585). Trata-se de indicar a inadequação do lugar do eu como ancoragem dos modos de ver, que dependem sempre de elementos externos, que conformaram nossa identidade, mas que não são visíveis a partir dela.

sensorial ou estética, reside também a possibilidade de uma mutação sistêmica” (Ibidem, p. 51).

É desse modo que a condição de disforia ganha *corpo* em seu trabalho, sendo alargada não somente pela somateca¹⁰ construída pelo autor – conjunto de corpos considerados dissidentes: racializados, colonizados, imigrantes, deficientes, interseccionais etc. –, mas também pela condição ontológica que ele lhes atribui, transformando-os em entes instáveis, “elásticos e mutantes, que permeiam todas as outras sintomatologias, fazendo da doença mental um arquipélago disfórico” (Ibidem, p. 18). Corpos disformes que se desprendem de uma grande massa normativa e que flutuam, agenciando práticas experimentais que permitem modificar o curso das águas por onde passam. A ilustração de um fragmento que se descola de uma grande massa é uma produtiva metáfora do que propõe Preciado, pois trata-se de corpos pesados (o prefixo grego *dys* indica dificuldade, e o adjetivo *phoros*, deriva do verbo *pherein*, que remete a transportar, suportar, transferir) que se carregam custosamente ou mesmo que têm dificuldade em suportar-se no curso da correnteza. Ao desgarrarem-se, caem, produzem vibrações, desenhando redemoinhos de ampla ou baixa amplitude, a depender da força de colisão. Assim, elevar a condição de *Dysphoria mundi* – uma aporia irreversível que produz um presente contraditório, precário e inflamado – diz respeito a desenhar um “outro espaço”, no qual o corpo como organismo biológico perde o protagonismo para o corpo monstruoso, ficção tecnossomática¹¹ autorizada, em suas palavras, “a implementar práticas de depredação universal para uma sociedade capaz de redistribuir energia e soberania. De uma sociedade de energias fósseis para uma de energias simbióticas” (Ibidem, 155). Trata-se, então, de reelaborar essa posição, reivindicar outros pontos de vista para esses corpos, revirando arquivos coloniais, médicos e jurídicos a fim de recontar suas histórias, vinculando-os a outras palavras e descrições. No caso de Preciado, um passo que o leva a avaliar sua condição disfórica, reivindicando uma posição “diabólica” com capacidade de profunda transformação do mundo (Figura 1).

10 Um jogo com a palavra Somateca, grupo de estudo liderado por Paul B. Preciado no Museu Reina Sofía, em Madrid, que teve sua primeira sessão em 2012.

11 “são ficções tecnossomáticas, híbridos de biologia e cultura [...]: que não poderiam existir sem a mediação de contratos sociais, narrativas midiáticas, ensaios clínicos, técnicas farmacológicas, práticas de diagnóstico, arcabouços discursivos, representações visuais e práticas sociais e políticas de identificação, registro e controle” (Preciado, 2023, p. 147).

Minha condição de vital de sujeito mutante e meu desejo de viver fora das prescrições normativas das sociedades binárias e heteropatriarcal foram diagnosticados como uma patologia clínica denominada “disforia de gênero”. Sou apenas um dos seres que teimam obstinadamente em recusar a agenda política que lhes foi imposta desde a infância (Preciado, 2023, p.21).



FIGURA 1. Le Diable. Autorretrato como potência elaborado por Preciado. Fonte: Preciado, 2023, p. 07.

Em linha análoga, embora guardadas as diferenças históricas de inscrição nos corpos e nas subjetividades, Azoulay defende a necessidade de trazer para a cena as incongruências categóricas, deixando emergir classificações “aberrantes”, como a de *judia-palestina* – se já foi possível classificar-se desse modo um dia, por que não novamente? Assim, seu desaprender pressupõe jogos combinatórios que torcem os termos que compõem os *regimes de visualidade*, reconduzindo o conhecimento, os arquivos e as imagens. Jogos discursivos, linguísticos e imagéticos que passam a servir não apenas para visibilizar negativamente figuras como as dos refugiados, apátridas, escravos, doentes, degenerados – interpretados comumente como seres secundários, despossuídos e subservientes –, mas para transformar essas existências em um lugar de potência, em entes capazes de produzir uma *História Potencial*.

Nessa condução, a autora se preocupa, primeiro, em elaborar uma historiografia sobre como aquilo que chama de “saber imperial” atua, produzindo uma série de medidas diferenciais. Para isso, retoma o modo como esse saber, ao focar no corpo dos sujeitos, institui ordens, normas, leis e

regimentos, tornando-o um corpo-cidadão de um projeto moderno universal. Nesse jogo, todo o corpo social torna-se quantificável, catalogável, seja a partir de planilhas de contagens de demografia, de taxas de natalidade e de morbidade, seja pela elaboração de arquivos médicos e fotográficos, entre outros dispositivos moldados na temporalidade universalista – eis aqui o que Foucault denominava de “nova física”¹². Como observa Foucault (1979),

Os traços biológicos de uma população se tornam elementos pertinentes para uma gestão econômica e é necessário organizar em volta deles um dispositivo que assegure não apenas sua sujeição, mas o aumento constante de sua utilidade (Ibidem, p. 198).

A partir dessa elaboração, Azoulay (2024) avança para um segundo ponto: afirma ser necessário rejeitar esse modelo “eficiente” de conduzir as populações. Trata-se de desligar a engrenagem que produz seres discretos com sua “ontologia discreta” (Ibidem, p. 35). Isso implica, em suas palavras, “[...] questionar nossos hábitos de estudar o mundo compartilhado por meio de conceitos e categorias políticas, consultando prateleiras das bibliotecas dedicadas a certos filósofos preferidos [...] e mais tarde armazenados em arquivos imperiais” (Ibidem, p. 35-36). Desse modo, é preciso conceber o conhecimento – assim como os sujeitos, suas tradições, línguas e pertences –, como entes nunca acabados, sempre construídos, capazes de elaborar em rede um outro modo de estar junto, desenhando formas de *desaprender com companheiros* (Ibidem, p. 36). Esse desaprender em companhia passa pelo desligamento parcial do regime visível vigente e, sobretudo, pelo ato de desativar as lentes do obturador¹³ que observa o mundo – uma “ferramenta do senhor”, como elabora Lorde (2019). Ferramentas – câmeras fotográficas, museus, arquivos, prontuários médicos etc. – que, desde sempre, permitiram ao Homem “construir exércitos de trabalhadores a partir de um corpo político (o qual ele também criou com ferramentas) na forma de um gigantesco sistema taxonômico em que as pessoas eram alocadas a lugares, papéis e destinos” (Azoulay, 2024, 108).

12 Para mais, ver: Foucault, 1979; 2014.

13 Para Azoulay (2024), o obturador diz respeito a um dispositivo que opera em uma fase anterior ao ato fotográfico. Trata-se daquilo que “controla que tipos de coisas devem ser distanciadas, isoladas, removidas, esquecidas, suprimidas, ignoradas, superadas e tornadas irrelevantes para que o obturador da câmera funcione e para que uma fotografia seja tirada e seu significado aceito. O que é suprimido e tornado irrelevante é extirpado pelo obturador” (Ibidem, p. 18).

É preciso, então, disputar o visível, reivindicar aquilo que o regime visível vigente não dá a ver, torcendo o paradigma da visão que opera *com e a partir* das ferramentas do senhor. Como exercício, Azoulay (2024) retoma arquivos fotográficos da escravidão estadunidense para destacar aquilo que não foi visto, o que foi inviabilizado e o que não foi possível emergir. Dessa forma, a autora abre uma “caixa de pandora” que traz consequências irreversíveis aos arquivos fotográficos que temporizam a escravidão, oferecendo um outro modo de ler e de interpretar essas imagens. Ao se debruçar sobre uma série de fotografias capturadas pelo fotógrafo estadunidense Timothy O’Sullivan, em 1862, Azoulay retira centenas de milhares de afro-americanos da posição de servidão, sujeição e subordinação. Uma das fotos analisadas porta a legenda: “*Negro family representing several generations. All born the on the plantation of J.J. Smith, South Carolina*” e exibe oito afro-americanos – entre eles, homens, mulheres, idosos, crianças e bebês – pousando reunidos em frente a um casebre (Figura 2).

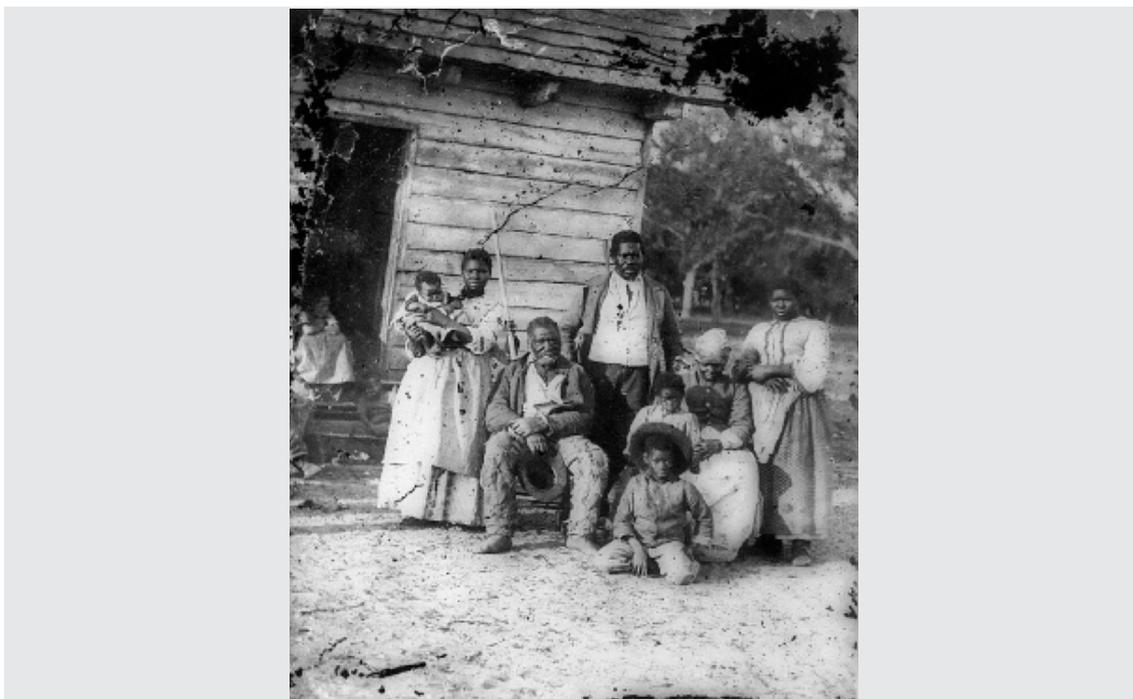


FIGURA 2. Negro Family representing several generations. All born on the plantation of J.J. Smith, Beaufort, South Carolina ou Reivindicando seus direitos a terra. Fonte: Timothy O’Sullivan, 1862. In: Azoulay, 2024, p. 147.

Segundo a autora, essa é uma imagem que integra boa parte das publicações destinadas a contar a história da escravidão estadunidense, “como se fosse a imagem máxima da escravidão, e como se as fotografias tivessem sido tiradas numa plantação designada pelo nome de seu proprietário, J.

J. Smith, de acordo com a legenda” (Ibidem, p. 147). Azoulay explica que, sempre que a imagem é reproduzida seguida de sua legenda “meramente descritiva”, ela surte o efeito de reafirmar ou reintegrar a posse do latifundiário J.J. Smith, não apenas sobre aquela terra, mas também sobre aqueles sujeitos, seus corpos e suas forças de trabalho. “A *propriedade racializada* [...] é irreduzível à escravidão. [...] Os obturadores, através dos quais o regime escravista operava, continuam a afirmar e reafirmar os estatutos da propriedade racializada” (Ibidem, p. 148). Desse modo, deslocar o ponto de vista da imagem, reivindicando novas possibilidades para o visível, implica observar a força expressiva desses personagens a fim de postular outras posições para esses sujeitos – elaborando, assim, outras legendas. Isso porque a descrição oficial da foto “não reflete nenhuma de suas lutas para se libertarem e negociarem seus direitos e os de outros, uma luta perdida na legenda, mas ainda, engendrada na foto” (Ibidem, p. 148). Assim, o que a legenda deixa de fora é a história não contada de milhares de afro-americanos que se rebelaram, que contestaram a propriedade dessas terras a partir de suas forças, do fazer com companheiros. Trata-se, então, de desenhar uma *História Potencial*, fazendo circular, entre outras possibilidades, legendas como: “*Reivindicando seus direitos a terra*”.

Nessa mesma linha, uma outra imagem de O’Sullivan, também de 1862, é igualmente contestada por Azoulay. Segundo a autora, a imagem, que também integra os livros da escravidão, mostra uma meia-dúvida de afro-americanos que decidiram evadir pelo rio Rappahannock (Figura 3). Recontar essa imagem é atentar para o evento que a constitui, ocultado pela história comum, e que diz respeito ao dia em que centenas de milhares de sujeitos livres voltaram a certas terras para fazer ações de reparação, reivindicando seus direitos às propriedades. Nas palavras da autora, trata-se de sujeitos que “abriram a porta para um mundo que insistiram ser possível, um mundo em que a escravidão não poderia se immortalizar” (Ibidem, p. 151-152). A imagem diz respeito, então, não a uma fuga, mas à liberdade.

Em várias fotografias de afro-americanos do século XIX (mesmo após a abolição), eles são referidos como “escravos”, independentemente do seu estatuto. Isso é especialmente perturbador em relação a imagens tiradas na década de 1860 [...], onde os afro-americanos [...] tomaram as reparações com as próprias mãos depois de os latifundiários terem fugido. Foi particularmente nesses dois locais que os afro-americanos puseram

em prática seus direitos mundanos, no que Du Bois¹⁴ chamou de *greve geral*. A persistência do rótulo de “escravo” que acompanha as pessoas fotografadas é um efeito da tecnologia arquivística (Azoulay, 2024, p. 251).



FIGURA 3. Fugitive African Americans fording Rappahannock River ou Reivindicando seus direitos a terra. Fonte: Timothy O’Sullivan, 1862. In: Azoulay, 2024, p. 151.

Concluimos, com esse percurso, que há diversas maneiras de recusar a “determinação” do obturador, diferentes meios de borrar as lentes que naturalizam os modos pelos quais vemos, classificamos e exploramos o mundo. Como sugerem Azoulay e Preciado, todos eles requerem atos de ressignificação dos significantes, torcendo o curso comum das palavras, das ordens e das classificações, deixando emergir brechas *com, entre e a partir da Dysphoria Mundi e da História Potencial*. Um modo de atuação que vai ao encontro do que afirma Beccari, ao defender que “tudo aquilo o que veio a ser não passa de uma possibilidade dentre outras, uma existência que subsiste ao longo de batalhas incessantes. [...] Rever o invisível é procurar (*to look for*) um ainda possível” (Beccari, 2020a, p. 57). Trata-se, então, de desmontar e remontar as regras que compõem os regimes de visualidade, promovendo formas de *desaprender com companheiros*, irrompendo vivências *disfóricas* e aberrantes como lugares de potência no mundo – tal como proposto por Preciado e Azoulay. Deixar entoar o eco dos desajustados, dos colonizados, dos imigrantes, dos escravos, dos doentes, entre outras vozes dissonantes:

14 Para mais, ver: < <https://pp.nexojournal.com.br/bibliografia-basica/2023/05/05/sociologia-e-a-trajetoria-de-w-e-b-du-bois> > Acesso em janeiro de 2025.

todos eles capazes de desenhar pactos e aliança com tradições invisibilizadas, línguas destituídas, com os velhos objetos empilhados, relegados “ao passado”. *Rever o invisível* significa, enfim, aprender para desaprender coordenadas, reivindicando *um outro olhar*.

3. Considerações finais

Este trabalho desenhou um diálogo entre as obras *História Potencial*, de Ariella Aïsha Azoulay (2024), e *Dysphoria mundi*, de Paul B. Preciado (2023), a partir de um olhar sobre movimentos entre o *Aprender* e o *Desaprender*. Desse modo, observou como o aprender está vinculado a um conjunto de parâmetros e categorias que nos enredam, e como o desaprender pode funcionar como um instrumento de questionamento dessas categorias, levando a novos movimentos de aprendizado, em um percurso sempre complexo, nunca encerrado de uma vez por todas. Assim, os movimentos de torção operados por Azoulay e Preciado foram exemplificados como formas produtivas de deslocamento da linguagem, gerando outras significações para aquilo a que parecemos ‘naturalmente’ vinculados. As visualidades construídas e pensadas pelos autores demonstram como é possível disputar o campo visível e discursivo, reivindicando novas possibilidades.

Ainda que este trabalho não tenha estabelecido um diálogo direto com o campo do design, especulamos, por fim — nas entrelinhas do que foi proposto —, sobre o seu papel na produção de visualidades. Desse modo, consideramos necessário um reexame ou um redirecionamento de suas ferramentas [do senhor], com o intuito de provocar processos de ‘desaprendizagem’ capazes de reconfigurar as formas de percepção do mundo, visibilizando outros modos de existência e estabelecendo conexões entre espaços, identidades e práticas situadas.

Agradecimento

Agradeço ao professor Luiz Camillo Osorio pela leitura atenta, que me ajudou a adensar as inquietações materializadas neste texto.

Referências

AZOULAY, Ariella Aïsha. **História potencial: desaprender o imperialismo**. São Paulo: UBU editora, 2024.

BECCARI, Marcos. Rever o invisível: o direito de olhar a partir de Foucault, Spivak e Mbembe. In: BECCARI, Marcos e PRANDO, Felipe (Org.). **Bordas: Transversalidades discursivas em arte e design**. Rio de Janeiro: Áspide editora, 2020a.

BECCARI, Marcos. **Das coisas ao redor:** discurso e visualidade a partir de Foucault. São Paulo: Almedina, 2020b.

BUTLER, Octavia Estelle. **Kindred:** Laços de Sangue. São Paulo: Editora Morro Branco, 2017.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador:** visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão, Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HARAWAY, Donna. **Situated Knowledges:** The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective, Vol. 14, No. 3, pp. 575-599, Autumn, 1988.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados:** a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009.

LORDE, Audre. As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa grande [1996]. In: **Irmãs outsiders:** ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PRECIADO, Paul. B. **Dysphoria mundi:** o som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

Como referenciar

SARINHO, Rafaela Travassos. *História Potencial encontra Dysphoria mundi*: aprender para desaprender um outro olhar. Rio de Janeiro. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, pp. 14-31, jul./2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2025.90103>

Copyright © 2025 Rafaela Travassos Sarinho



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Recebido em 21/02/2025 | Aceito em 05/05/2025